

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Coelho Neto

As sete dores de N. Senhora



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Coelho Neto

As sete dores de N. Senhora

Revisão gráfica e atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1922.

Henrique Maximiano Coelho Neto
(1864 – 1934)

“Projeto Livro Livre”

Livro 530



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Coelho Neto: “*As sete dores de N. Senhora*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

CARTA DO CARDEAL D. JOAQUIM ARCOVERDE.....	1
I - A PROFECIA NO TEMPLO.....	2
II - A FUGA PARA O EGITO.....	7
III - JESUS NO TEMPLO.....	15
IV - MARIA ENCONTRA JESUS NO CAMINHO DO SUPLÍCIO.....	21
V - A MORTE DE JESUS.....	26
VI - JESUS GOLPEADO PELA LANÇA E DESCIDO DA CRUZ.....	32
VII - JESUS ENCERRADO NO SEPULCRO.....	36

CARTA DO CARDEAL D. JOAQUIM ARCOVERDE

Os quadros de *As Sete Dores da Santíssima Virgem Maria*, escritos pelo Sr. Coelho Neto, são um mimoso volume de interessantes e amenas leituras religiosas, que, pela sua elegância e beleza, prendem e recreiam o espírito e cativam o coração.

O assunto nada perdeu da sua natural majestade sob a pena delicada de tão abalizado literato e aprimorado estilista, que o tratou com carinho, simplicidade e elegância de arte.

É um mimoso ramalhete colhido por mão de mestre no precioso jardim da literatura, contornado de belas imagens e ajustado em finíssimas gazes de aprimorado estilo.

É, pois, esse um livro ao qual não regatearemos nossos francos elogios e o nosso IMPRIMATUR, e ao seu Autor com abundância de coração damos a nossa benção.

Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1907
J. CARD. ARCEBISPO

I - A PROFECIA NO TEMPLO

Eram passados quarenta dias sobre o nascimento de Jesus, e, seguindo o preceito do Levítico, que prescrevia, ao fim desse prazo, a purificação das mulheres que gerassem varões, Maria e José dirigiam-se ao Templo, com o infante, levando o casal de rolas e os ciclos de prata do resgate, que era quanto a Lei exigia dos pobres.

A manhã, luminosa e serena, fizera afluir ao Templo desusada concorrência.

Os mercadores, sentados em tapetes e em cócedras, à beira das tendas ou diante dos tabuleiros, ofertavam, com louvores, as suas louçainhas: telas de finíssima trama entressachada de ouro, estrágulos de púrpura sanguínea, turbantes entremeados de pérolas, saios de linho, abas de lã; joias de ouro lavrado, pedras raras, armas de gume tão fino que cortavam no ar um fio de seda, lanças de pontas rendilhadas; talismãs contra moléstias, ervas dos montes que, maceradas em óleo, davam um bálsamo eficaz na cura de toda a úlcera, filtros de virtude erótica; bolos de farinha e mel, frutos acamados em folhas frescas; cordeiros alvos e pombos sem mancha para as ofertas da Lei.

Ainda os havia paupérrimos: idumeus bronzeados, que levavam na ponta das túnicas feixes de raízes, seixos das correntes, ramos de flores murchas que reviviam a um fresco rorejo.

Um velho psilo, de longas barbas alvas, tamborilando com duas varas no bojo de um odre, fazia dançar aos torcicolos uma negra serpente ou, espalhando no manto estendido fina areia dourada, soltava por ela um escaravelho, e, atentamente, ia lendo o destino dos consultantes nos arabescos deixados pelas patas do inseto.

Muitos casais entravam e pobres, enfermos, alrotando, descobrindo chagas que sangravam, cegos com os dedos nas órbitas vazias apiedavam narrando misérias.

Moedas tiniam, rolavam nas lajes, e era um precipitar tumultuoso de maltrapilhos, de aleijados; barbarizando protestos, por vezes pugilatos entre os infelizes que se engalinhavam com furor disputando um óbolo.

Maria, entrando no Templo, lembrou-se da sua adolescência, dos anos felizes passados no claustro.

Ali haviam decorrido os dias melhores da sua vida sem dores, sem pensares, só com o cuidado em Deus. Ali chegara-lhe a notícia da morte dos seu velhos pais. Chorara longamente a sua orfandade, mas na companhia das donzelas

consagradas ao devoto serviço, a que também fora dedicada, o consolo secou-lhe as lágrimas sem, contudo, apagar-lhe a saudade no coração. Todavia a certeza de que os dois velhinhos, tão meigos, tão justos, sempre fiéis à Lei, teriam recebido o prêmio eterno do Senhor, abrandara-lhe o sofrimento d'alma.

Dali, sem conhecimento da vida, ignorante de tudo, saíra para os esponsais, começando a sofrer desde a hora vespéral em que, num afogueado morrer do sol por traz das colmas de Nazaré, estando a orar junto à janela, que um sicômoro empanava de folhagem, vira, subitamente, a casa iluminar-se, encher-se de perfume, e deram seus olhos deslumbrados com a beleza mística de um anjo, alvo, fúlgido como de neve, louro como coberto de sol, tendo à mão uma vara florida, que lhe falara em nome de Deus, anunciando o mistério da grande Gênese.

A Virgem deteve os passos, cansada, sorrindo ao Filho que dormia à sombra do véu fino que lhe descia da cabeça envolvendo-lhe o busto.

José acercou-se do grupo e ficaram, um momento, contemplativos.

Quem os visse diria que estavam, como estrangeiros, admirando a construção magnífica do grande rei, na qual trabalharam, até a morte, trezentos mil operários, uns de Israel, outros de Zidon, fiscalizados por hábeis mesteiros de Biblos, peritos em brocar as pedreiras e em polir os blocos; sem contar os que abateram os cedros, exploraram as minas, teceram os panos, esculpiram os lenhos, ou, sob as ordens de Hiram, o artista de sangue tírio, floriram os capitéis, entorsalaram as colunas em festões de flores entremeadas de romãs e ainda fundiram, a grande piscina chamada o *Mar de hvnze*, cercado-se de copas, entre açucenas e coluquintidas, e montando-a sobre doze touros, voltados, três a três, para os pontos cardeais, em cujo bojo, dia e noite, sem descontinuar, golfava, a jorros, a água das cisternas para as abluções dos sacerdotes.

De tal altura dominava-se toda a cidade com as suas muralhas irregulares, a rotunda torre Antonia, cintilante de armas, o casario branco, em cubos, alvejando no verdor dos eidos; muros eriçados de ervas crespas, espinhosos cardos esgalhados, altos, frondosos sicômoros, à cuja sombra dormiam rebanhos, os olivais das colunas, as frescas cisternas entre figueiras e, longe, a torrente espumosa, os montes, os campos, as estradas que seguiam para as terras férteis ou enviesavam para os desertos estéreis.

O sol começava a aquecer, os pombos desertavam o pátio e, no interior augusto do Templo, um cântico reboou.

Entraram.

De todos os ângulos do imenso recinto subiam finos novelos de fumo adensando-se em nuvem cerúlea que se estendia, alastrava, ondulando, de leve, na altura, como um velario fluídico.

Maria descobriu o rosto lindo do Infante, que ainda dormia.

Justamente passava por cila, a passos vagarosos, um velho sacerdote chamado Simeão.

Súbito tremor agitou-o. Deteve-se e, com o venerando rosto iluminado por um sorriso beato, os olhos arrasados de pranto, trêmulo, voltou-se para a Senhora, estendeu os braços que a idade enfraquecera e, tomando o Menino, mirou-o com religiosa ternura, sem dizer palavra, tão grande era a emoção de sua alma.

Encarou de fito a Virgem e, tornando com o olhar ao Infante, que lhe sorria, bradou arrebatado:

— Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque os meus olhos viram a salvação, que és Tu, que vens aparelhado e surges ante a face dos povos, como Luz para alumiar as nações e engrandecer e glorificar Israel!

Os pais, recolhidos em timidez, não sabiam que pensar daqueles dizeres vagos e pasmaram do jubilo e das lágrimas do santo homem que inclinava a cabeça branca sobre Jesus, sem ânimo, todavia, de impor-lhe os lábios ao corpo, como em receio de profanação.

De novo, porém, e em mais vivo brilho, acendeu-se-lhe o olhar mortiço o, passando o Pequeno aos ansiosos braços maternos, disse em tom profético, abençoando o casal submisso:

— Eis aqui está o Menino que será ruína e salvação de muitos em Israel, e será o alvo a que mire a contradição. E dirigindo-se a Maria, suspensa das suas palavras, ajuntou: E será também uma espada que trespassará tua alma para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

A tais palavras a Virgem estremeceu apertando, com ânsia, ao colo o Filho pequenino e, envolvendo-o em um olhar que o pranto conturbava, ficou petrificada, sem energia para tirar-se do lugar em que fora ferida pela profecia dolorosa.

Simeão demorava ainda junto à Família humilde, contemplando o Menino, quando uma turba, de mendigos avançou seguindo os passos lerdos de uma velha.

Ana era o seu nome, filha de Fanuel, da tribo de Aser, quase octogenária. Sentira, em inspiração, a presença de Deus e, na sua velhice, vizinha da morte, tivera a ventura de ver de face o Salvador, Era profetisa e passava os dias no Templo ocupando-se em misteres piedosos.

Em Jerusalém e nas cercanias o seu nome era pronunciado com veneração e as suas palavras valiam promessas se eram de bom agouro, ou faziam tremer, como sentenças, se anunciavam desgraças. Se, à beira de um leito, onde jazesse enfermo abandonado da própria esperança, dissesse que ele havia de sarar, era certo vê-lo, dias depois, ao soalheiro, reentrado na vida, narrando o milagre da sua ressurreição.

Nunca a sua boca pressagiara catástrofes que se não vissem as torrentes incharem, transbordarem dos leitos pedregosos transformando os campos em alagadeiros ou prolongar-se o estio em secura, esturrando os pastos, queimando o trigo o a vinha, entresinhando os rebanhos.

às vezes, levantando-se de ímpeto, mostrava, com trêmulo e consternado gesto, o deserto amarelo, falando em sombras vivas,

em nuvens assoladoras e, dias depois, como uma tormenta que viesse crescendo do lado das areias quentes, o céu escurecia com estranho sóido-eram os gafanhotos que chegavam.

Nunca se lhe fizera consulta a que não respondesse com a verdade, abrindo o sorriso ou desatando lágrimas.

E assim a sua voz era escutada com fé.

E Ana adiantou-se em passo vagaroso e trêmulo, arrimada ao bordão e, ante o Menino, vergaram-se-lhe os joelhos e todos os mendigos prostraram-se com ela.

E a velha disse, de mãos postas, com ardoroso acento e as lágrimas a quatro e quatro pelas faces encarquilhadas:

— Senhor, sois Vós o Messias anunciado desde os dias mais antigos de Israel. Ainda o homem dormia debaixo de ramos, perto das dunas, nos desertos, pascendo rebanhos, armado contra as algaras dos nômades e já os anjos, descendo do céu pelo cimo dos montes, falavam de Vós aos pastores, no campo

ou sentados com intimidade à mesa dos patriarcas. Os profetas apregoaram o vosso advento.

Ventura grande é a de meus olhos que conservaram luz até Ver-vos.

Delícia imensa foi reservada aos meus lábios que ainda lograram beijar-vos, Senhor.

Bendito seja o ventre em que esperastes a voz que Vos chamou à vida.

Não foste gerado, apenas entrastes no seio humano, embebendo-vos no sofrimento como esponja encharca-se d'água em que mergulha. Vindes enxugar a lágrima da angústia e estancar o sangue dos flagícios. Sois a benção divina, redentora das almas, purificadora da terra.

Vivereis como o sol e morrereis em sangue, na cumiada, para, à voz dos anjos, reaparecerdes, depois da noite triste, mais fulgurante e mais vivo, na insurreição que será a aurora do dia eterno.

Sois o levedo que fará crescer o pão da misericórdia.

Bem haja o tempo em que Vos revelastes. Ai! de ti, mulher! Os maus o levarão do teu amor sem piedade de tuas lágrimas, sem pena dos teus gritos e farão dele a vítima propiciatória, sacrificando-o no altar do monte.

Os mendigos ouviram, pasmados, sem entenderem as palavras misteriosas da profetisa.

Mas o coração de Maria transbordava de angústia e a desventurada não se arredaria do ponto do sofrimento se José a não tirasse pelo braço, levando-a ao Tabernaculo onde deviam cumprir o preceito da Lei.

Ó a triste volta a Nazaré!

Caminhos por onde descera contente, sorrindo à felicidade, ia-os, então, trilhando a soluçar.

Pobre coração alvoroçado! Sentir agarrada a si vida tão nova e tão linda e já cuidar no doloroso fim que lhe reservava o destino!

As palavras de Simeão que a velha confirmara...!

Que lucra uma alma em conhecer o futuro? Deus, quando fez os horizontes, foi para encobrir o fim das jornadas.

A vida é um livro que deve ser folheado página a página, sem que se consulte o índice.

Conhecer o futuro é sofrer a dor antes que se abra a chaga, é cintilar a lágrima antes que abrolhe a angústia, é ver a noite em pleno dia, é gemer com o pungir da frecha antes que a despida o arco.

Porque a não deixaram mãe, com a esperança das mães, que é sempre venturosa, expondo-lhe logo aos olhos o transito aflitíssimo da vida do seu filho!?

Havia de passar o tempo dos beijos e dos sorrisos em conjecturas de tristeza, soluçando debruçada sobre um berço que já lhe parecia esquife?

Ó precursores nefastos da agonia! Caminhos floridos, como depressa vos mudastes em carrascais espinhosos! Pobre mãe! de olhos abertos sobre a genitura triste do seu amado, lá ia, sem ver as belezas, sem ouvir as vozes encantadoras das aves, das águas e das folhagens, harpas dos ventos, só escutando o coração, que gemia sobre o futuro tão mal fadado do pequenino, inocente e formoso Jesus.

II - A FUGA PARA O EGITO

Hora alta.

Pelos campos tudo era névoa. Não se ouvia, voz humana nem queixa de ovelha e, a não ser o brilho de algum fogo de aprisco, nos cerros, a noite tinha vida apenas no céu alto onde as estrelas cintilavam límpidas.

No casebre, alumiado por uma lâmpada de barro, o silêncio era, de vez em vez, aflorado por um leve suspiro de Maria.

Ainda dormindo os cuidados não a deixavam: seus sonhos eram tristes.

Não raro despertava em sobressalto. Aflita, chorando, estendia os braços para o berço de vime onde Jesus dormia e, extática, de olhos nele cravados, ali se ficava em adoração, vendo-o tão lindo, adormecido sobre os linhos alvos, com os bracinhos abertos como um pequenino crucifixo de marfim. Pobre coração sem sossego! Todos os rumores alvoroçavam-no.

Se uma rola perdida no colmo turturina, a pobre mãe erguia-se de vagarinho, punha-se de joelhos, atenta, à escuta; se o vento lavava nos campos logo,

solícita, apanhando todos os trapos que encontrava, punha-se a calafetar as frinchas para que os avisos do inverno, trazidos na respiração da noite, não, chegassem ao pequenito.

José procurava tranquilizá-la:

— Não te fies no coração, é vigia que não discerne e alarma-se com o menor ruído. Que podes temer na terra amiga em que vivemos?

— Tudo, senhor. As mais não vivem tranquilas porque são avaras. Não há guarda que lhes baste: a torre mais forte parece-lhes sempre frágil. Meu coração bate agora com mais força do que dantes batia para manter-me acordada e, se adormeço, logo minha alma debate-se em pesadelos. Fico como uma casa deserta em que esvoaçam estriges. Que posso eu temer? tudo.

E, toda a noite, de instante a instante, erguia-se a criatura amorosa, de olhos muito abertos sobre o filho e adormecia inclinada ao berço e, ainda dormindo, maquinalmente o balançava.

José deitara-se na arca e adormecera, com uma ponta do manto sobre o rosto e viu, em sonho, um anjo — o mesmo que lhe aparecera para confortar-lhe o coração envenenado pela suspeita — que lhe disse:

— Ergue-te, leva o Menino e sua Mãe e foge para o Egito. Lá ficarás até que eu te avise, por que Herodes há de buscar a Jesus para o matar.

Levantou-se de pronto o patriarca — extinguiu-se a chama da candeia, mas o luar, infiltrando-se por uma abertura do colmo, fizera sobre o berço do Infante um cortinado de luz — despertou Maria e, dizendo-lhe o que sonhara, ajoelharam-se ambos dando graças a Deus pelo aviso e, à pressa, reunindo o que puderam, tomou a Virgem o Menino, agasalhou-o ao colo e, trancando a porta do casebre, puseram-se a caminho.

Abandonando as estradas procurou José os trilhos mais agrestes, veredas pedrentas, carreiros beirados de espinhais, por montes, porque assim evitavam encontros.

Ocultando-se durante o dia, só à noite caminhavam protegidos pela treva; ainda assim mal pressentiam rumores, logo precipitadamente refugiam escondendo-se em bosques, enlapando-se em furnas ou cosendo-se com os penhascos até que passassem os caminheiros.

Então deixavam os esconderijos e, de novo, cautelosamente, retomavam o passo.

Ao romper da alva José, agasalhando a Virgem e o Menino em lugar seguro, aventurava-se em busca de alimentos.

De uma feita, pousando em deserta, charneca, Maria, que sempre se mostrara resinada não articulando queixa, não pôde conter as lágrimas. É que a sede, longamente suportada, ia-se tornando em fogo que a consumia. Os lábios fendiam-se-lhe, vertigens abalavam-na obscurecendo-lhe a vista e, ávida, em delírio, febricitada, ouvia o fresco murmúrio de fontes em torno, mas andando com o olhar em volta, via apenas areias e raízes retorcidas.

Queixou-se, então, mas a sua queixa foi ainda um cântico de amor:

- Não é pelo meu sofrimento que choro, disse, mas pelo receio que tenho de que o leite estanque em meus peitos. Estas mesmas lágrimas são desperdícios da minha fraqueza, pudesse eu absorvê-las para que se transformassem em leite e assim o meu sofrimento serviria para nutrir o meu amor e, enquanto durasse a minha angústia, ele teria garantido o alimento. Mas as lágrimas perdem-se. Ai! de mim.

José procurava por toda a parte uma fonte, um resto d'água em côncavo de rocha, mas tudo era aridez.

Uma lágrima, porém, rolando dos olhos de Maria, caiu na dura encosta de um penedo e logo a pedra reluziu como se a alagasse um suor. Um fio d'água brotou, desceu pelas arestas enchendo-se, engrossando, alastrando em lençol alvo e frio e ajuntou-se na terra entre o pedregulho adusto.

José deteve-se pasmado, mas a sede tirou-o do espanto. Então, reunindo-se à Virgem, que se ajoelhara e orava, louvaram ambos o Senhor, o mesmo Deus de bondade que respondera aos clamores de Agar, no deserto, e que ali, de novo, revelava-se. Depois, inclinando-se, beberam a goles fartos daquela água misericordiosa que nascera da baga de pranto como de uma semente.

E disse Maria:

— Senhor, se as próprias pedras do deserto comovem-se com as súplicas do meu coação, porque não há de o homem ouvi-las? Que mal pôde trazer ao mundo uma criança que nem ainda se firmou na terra, porque não anda? que ainda não pôde soltar o pensamento por falta da asa, que é a palavra? Que ma pôde fazer um inocente para que assim o persigam?

E José respondeu:

— Sigamos. O coração do mau é pedra que se não converte. O rochedo gera a fonte, se o ferires responderá com a centelha; o coração dá a lágrima e flameja em ódio. Há corações, porém, que são feitos de neve: neles a lágrima está petrificada: brilham, mas não têm lume. Para esses não há piedade nem cólera, são os impassíveis, os indiferentes: corações brancos, corações diáfanos, corações vazios.

Outros há que fervem em ódio perene, são corações de betume abrasados em ira.

Não compares os corações dos maus às pedras misericordiosas.

Enquanto foram pela Galileia sempre se lhes depararam pousios: cavernas escusas, que eram asilos de algaras, aduares de nômades. Entravam por elas e, sem receio, agasalhavam-se.

E nunca lhes sucedeu serem incomodados pelos moradores, ou fosse porque andassem em *razzias* pelas estradas mais corridas, ou fosse porque os contivesse à distância a Providência que velava sobre os peregrinos.

Avizinhando-se de Jerusalém, já sentindo o poder cruelíssimo de Herodes, maior se lhes tornou o receio. Não se atreviam a caminhar senão a horas altas, quando nos campos cessava, por completo, o movimento e morriam todos os lumes das choças e nos cortelhos e corveiros os próprios cães dormiam,

O latir longínquo de um rafeiro fazia-os estacar; a sombra oscilante de um ramo detinha-os: o rumor d'água nos regos assustava-os e, tiritando, molhados, abençoavam o frio que os transia, o vento que lhes cor-tava a face, porque, com tão áspera invertia, mais seguramente viajariam sem ver gente, atravessando os campos e as paupérrimas aldeias adormecidas.

Nas proximidades de Ramla, na Idumeia, iam por um estreito, sinuoso caminho, apertado entre alcantis medonhos quando, inopinadamente, ouviram vozes roucas, tinir de ferros e logo, ao fulvo clarão de archotes, um bando de homens de má sombra, que pareciam surgir da terra, tomou-lhes o passo.

Cercados pela horda, ficaram os esposos em atitude humilde: a Virgem muito pálida e trêmula, chorando. Mas o chefe dos salteadores, adiantando-se por entre as lanças, mal descobriu os caminhantes, como tocado de graça, inclinou-se respeitoso e, beijando a ponta do véu de Maria, saudou-a com palavras de boa avença.

Os bandidos olhavam imóveis, pasmados, mas a um aceno do chefe afastaram-se e o salteador, compadecido da miséria de tão jovem e formosa senhora e do

cansaço do ancião e com pena do Menino, que resmungava, encolhendo-se de frio nos braços maternos, ofereceu-lhes hospedagem, mostrando-lhes o seu formidável castelo de pedra negra, alcandorado no visó de um rochedo.

E como a subida fosse difícil, os homens cortaram ramos, cruzaram-nos em andilhas, nelas sentando a Virgem, e levaram-na pela trilha escarpada até a alçaçova onde, além dos donos, só as águias e os gipaetos chegavam.

Ali repousou a Família durante dois dias suaves e quando, a instâncias de José, tiveram de partir, o chefe encheu-os de presentes e, trazendo um manso jumento, fez nele subir Maria. Ordenando, então, a alguns homens que os acompanhassem até a vizinhança de Nazaré despediu-se com amizade.

De Nazaré seguiram até Belém, onde se refugiaram em uma gruta, esperando a passagem de alguma caravana que demandasse o Egito.

Uma tarde viram chegar numerosa turba em que havia gente de várias castas — mercadores montados em camelos, sobre almandras e telizes cairelados de ouro, seguindo carros atupidos de alfaias; guerreiros d'albornozes listados, turbante rubro, lanças altas, luzindo; mulheres em onagros e farta peonagem sobrecarregada de fardos. Rebanhos acompanhavam a multidão que ia para os lados de Mizraim.

Enfardelando, à pressa, o que tinham, meteram-se os esposos na caravana e, ao som de cantos, ao trilo do flautas e ressoar de tímpanos vibrantes, à hora afogueada do ocaso, deixaram Belém a caminho de Hebron e de Gaza, à beira do mar, até chegarem às areias soltas e amarelas do imenso, tristonho e árido deserto.

O céu puro, de um azul metálico, abafava — sentia-se a brasa do sol, o fogo intenso que, a mais e mais, incendia-se e o bando caminhava em silêncio, lentamente, revolvendo o solo mole, fofo, em que os pés enterravam-se queimando-se como em rescaldo.

às vezes, de improviso, uma voz bradava alegremente anunciando um oásis. Reanimavam-se todos precipitando os animais esfalfados. Os peões corriam ofegando, era uma grita festiva — lanças coriscavam no ar, iatagans flamejavam e todos os olhares fitavam, com ânsia, o mesmo ponto. Lá estavam as palmeiras verdes, as sombras das árvores hospitaleiras anunciadoras d'água, terra, enfim, naquele oceano de segura.

Súbito, porém, o desânimo substituía o contentamento e, às vozes felizes, aos cantos jocundos sucediam guaiados, imprecações de revolta e blasfêmias.

Alguns, com os pés em sangue, deixavam-se cair nas dunas sem coragem para continuar a jornada; outros bradavam ao céu ameaçando-o com os punhos fechados. Mais arrepelevam-se sentindo os filhos morrerem-lhes nos braços e a ilusão dissolvia-se a pouco e pouco, a miragem apagava-se e o deserto estendia-se ardendo ao sol, estéril, impassível, vazio, movendo-se, ondulando ao vento quente.

E, seguindo do alto a caravana, os gipaetos soltavam gritos antegozando a carniça humana, o dizimo que os aventureiros pagavam à voracidade do deserto.

O sol nascia ardentíssimo, os seus primeiros raios brandos, acariciantes nas outras regiões, eram ali flagelos. Os olhos ficavam encandeados, doloridos à fulguração micante das areias e, à falta de sombra, à míngua de fonte ou cisterna, a turba caminhava penosamente, arfando ao ríspido calor que alquebrava os próprios animais.

Maria só achava conforto nas carícias inocentes do Menino, nem sentia o sol que lhe escaldava a cabeça — ia de olhos no Filho e, como não lhe faltasse leite, nem pensava em fonte o abençoava o deserto que salvava o seu Amor.

A noite descia como um bálsamo.

Toda a caravana repousava ao tempo, gozando a frescura, sentindo os leões e os tigres que rondavam o acampamento com um vívido fagulhar de pupilas.

De quando em quando os nômades levantavam grita estrondosa assustando as feras e os fogos de vigília brilhavam aqui e ali, por entre grupos de homens e de animais.

Uma tarde, finalmente, avistaram Heliópolis, a cidade do sol, com os seus zimbórios claros, os seus altos pilonos, os seus templos colossais.

Era a hora religiosa em que os sacerdotes entoavam, ao som dos kimores, cânticos a Atumu e os barqueiros do Nilo, colhendo as velas, abicavam à margem florida de lotos.

A Virgem sentia-se fatigada, e como parassem junto das ruínas de um túmulo, deixaram seguir a amotinada caravana e recolheram-se à fúnebre guarida.

Na manhã seguinte, cedo, antes da oração à aurora, levantaram-se os esposos dirigindo-se para a cidade resplandecente.

Junto à porta principal avultava uma árvore majestosa, cuja virtude era proclamada por quantos a conheciam.

Muitos adoravam-na como divindade. Tanto que Maria se lhe chegou à sombra, logo a árvore curvou-se dobrando-se no tronco, varrendo o solo com a folhagem basta. Três vezes repetiu o respeitoso movimento, depois, sacudindo os ramos, espalhou todas as suas flores em volta, alcatifando a terra que os peregrinos deviam pisar.

E foi assim que a flora sagrada do Egito recebeu a Família de Jesus.

Atravessando a cidade em direção à vila de Matarieh, entro sicômoros, regada pela única fonte que em tais terras deriva, todos os animais sagrados dos templos que ficavam à beira do caminho que os esposos percorriam, rolaram dos altares partindo-se nas lajes — assim a Fênix imortal, o touro Névis, o pássaro Bonu e o grande disco de ouro de Aton, o sol, que se desfez em estilhas com grande espanto dos sacerdotes.

A população da vila de Matarieh, onde se fixou a Sagrada Família, era humílima; pobre gente que labutava em pesados trabalhos sofrendo, sem revolta, a opressão dos nobres, a afronta dos ricos, o castigo dos capatazes, o desprezo, a repulsa dos sacerdotes.

Se queria pedir aos deuses a piedade devida a todos os seres, os neochoros ameaçavam-na, corriam-na dos vestibulos por imunda, indigna de aparecer ante os altares.

Vivia em cabanas de lodo, cobertas de palmas e tão nuas e desprovidas que os leitos eram alastos de folhas e os lumes eram fogueiras de versas.

Em uma dessas cabanas instalou-se José e logo, compondo-a, calafetando as fendas, amparando os esteios, substituindo as palmas da cobertura palhiça, alhanando o solo, tornou-a mais confortável. Depois, com o que dispunha em moedas, adquiriu a ferramenta, e, à sombra larga de um sicômoro, começou a trabalhar contente, tranquilo, vendo o Menino crescer, brincar entre as fitas de madeira que a plaina tirava dos lenhos que ia acepilhando.

Maria, ordenando a casa, aseando-a, fazendo o lume, tomava a urna e subia a colina, caminho da fonte. Lá ficava lavando as roupas do casal e estendia-as na encosta do outeiro Matagoso. À tarde recolhia-as.

Apesar da fadiga e da pobreza em que vivia, sentia-se feliz no sossego. Ó as lancinantes angústias! o medo de ver-se órfã, despojada daquele amor

formoso! Ali, seu Filho podia andar livre, correr nos campos, mirar-se, risonho, nas águas da fonte, brincar com os pobrezinhos da sua idade.

E ali viveram sete anos longos, ali cresceu o Infante, foram-se-lhe abrindo os olhos; ali sentiu o seu pequenino coração o primeiro pungir da piedade pela dor humana: velhos sem lar, caídos nas estradas, morrendo esquecidos, desamparados; criancinhas chorando sem consolo, perdidas, chamando as mães que lhes não podiam responder do fundo abafado dos túmulos em que jaziam; mulheres fracas sucumbindo ao peso das tarefas; enfermos implorando sem resposta.

Uma tarde, parando no outeiro em que brincava — os trabalhadores cantavam ao longe — enterneceu-se Jesus com os olhos arrasados em lágrimas. Vendo-o chorar, Maria precipitou-se comovida:

— Porque choras, meu Filho?

— É tão triste o canto dessa pobre gente, minha Mãe.

Longe, nos templos, ressoavam hinos.

A religião impassível respondia aos lamentos dos miseráveis com as panegírias solenes.

E Jesus soluçava sobre a tristeza dos humildes.

Uma tarde, recolhendo do campo, viu José o anjo anunciador. Reconhecendo-o, prostrou-se com a face na terra.

— Levanta-te, disse-lhe o divino enviado, toma o Menino e sua Mãe e vai para a terra de Israel, porque são falecidos os que o buscavam para o matar.

Foi com alvoroço que a Virgem recebeu a boa nova — já lhe doía o coração com saudades da pátria. Despedindo-se dos vizinhos, da fonte, do sicômoro à cuja sombra passava os dias fiando, grata, bem dizendo aquela terra de hospitalidade, preparou-se para a partida. Deixaram Heliópolis com uma caravana, quando, porém, avizinhavam-se dos palmares de Belém, sabendo que Arquelaú reinava na Judeia, sempre receosos, meteram-se por desvios desertos e, depois de longas, trabalhosas voltas, chegaram a Nazaré, na Galileia natal.

Encontrariam ainda a sua casa? Assim pensavam quando, às últimas luzes da tarde dourada, viram-na de pé, entre as figueiras.

Em comovida alegria precipitaram os passos para a cabana, abriram-na, e, entrando, encontraram-na tal como a haviam deixado. Tudo em ordem: na horta os mesmos legumes, no eido as mesmas flores, as arcas cheias de trigo, as ânforas cheias de azeite, água fresca na urna, frutos maduros nos gigos, o lume aceso e a lâmpada de barro alumando o interior.

Ficaram maravilhados. Que bom vizinho lhes teria, com tanto zelo, conservado o lar?...

E não viram um vulto branco, silencioso, alado, que lentamente saía, diluindo-se como a névoa ao sol.

—Louvado seja o Senhor! exclamou José ajoelhando-se no limiar da casa, de olhos no céu que começava a estrelar-se.

Maria, risonha, ia e vinha revendo o seu canto doméstico e fora, isolado, o pequenino Jesus, de olhos baixos, escutava o coração piedoso que lhe repetia o canto dolente dos miseráveis de Matarieh.

E as lágrimas rolavam-lhe a quatro e quatro dos olhos misericordiosos.

III - JESUS NO TEMPLO

Aos doze anos era Jesus de tão doce bondade e tão simples, gracioso e natural de modos que os meninos suspendiam os brinquedos para ouvi-lo; decoravam-lhe as palavras, repetiam-nas aos pais que as comentavam maravilhados.

O prazer maior do predestinado Infante era seguir as trilhas agrestes, buscar a companhia dos pastores pensativos, ficar com eles à mesma sombra, ouvindo as histórias que contavam sobre as estrelas das noites calmas, enquanto as ovelhas soltas pastavam a erva tenra que alfombrava maciamente a encosta, dos outeiros.

José que, a princípio, tentara ensinar-lhe o seu ofício, não para aproveitar-lhe o trabalho, que a força ainda era pouca para carpintear, mas com o fim de proporcionar-lhe distração que o tirasse do sonho triste em que vivia, reconhecendo a inutilidade do seu desejo, porque o Menino ainda se entristecia mais na oficina, deixou-o solto,

Como o sabia estimado de todos não se preocupava com as suas ausências, certo de que o veria regressar à tarde lento, de olhos extasiados no céu, com um lírio ou com um ramo verde, que era quanto trazia dos seus passeios solitários.

As interrogações da Mãe, que o aflagava carinhosamente, respondia sempre com palavras misteriosas ou dizendo: “Estive a pensar uma ovelha ferida, a ligar um ramo de árvore, a juntar achegas para auxiliar um pássaro que andava a tecer o ninho”.

Ninguém, jamais, o surpreendeu em exercício que não fosse de caridade meiga - — nem a correr pelas veredas, nem a trepar em troncos, nem a perseguir animais; sempre o viam praticando ações piedosas, quando o não encontravam isolado em recantos desertos, a cabeça inclinada, pensando.

Na fonte, aonde costumava acompanhar Maria, à tarde, as moças, descansando as urnas, chamavam-no provocando-o a falar e ele, sisudo, respondia-lhes com tão seguro critério que todas pasmavam e emudeciam. A própria Virgem, com os olhos marejados de lágrimas, embevecida, não disfarçava o seu espanto ao ouvir as sentenças de tão profundo alcance que discorriam da linda boca do seu filho.

— É estranho, disse certa mulher, ouvindo-o.

É estranho que de tão tenra criatura saiam conceitos tais. Nunca se viu rebento apenas abrolhado dar sombra a uma caravana e nos, em torno desta criança, atentas às suas palavras, estamos como abrigadas por um renovo ainda, sem folha aberta.

— A caridade, disse Jesus, pode vir do mais humilde: não é preciso possuir minas na terra para matar a fome de um pobre: basta um pedaço de pão. A lã de uma ovelha combate o frio do mais rigoroso inverno; uma gota de bálsamo alivia a dor mais forte. Parece-te muito que uma criança atraia adultos à sua palavra: quando os corações são bem formados, para chamá-los à piedade não é preciso mais que um ai!

Nada sei do que dizem os livros, mas muito tenho aprendido com o sofrimento dos homens. O que saboreia o vinho nem sempre conhece o gosto natural da uva. Uma coisa é comer o pão, outra é vê-lo fazer.

Eu sou como aquele que apanha o fruto da vinha ou como o segador que faz o molho de trigo: sei como sofre a uva no lagar e quanto padece o grão no moinho: vejo correr o sangue da vida e ouço a trituração dolorosa da pedra que mói o grão.

Os livros são recadeiros indiferentes: contam, não fazem ver. Não é o mesmo saber da morte e vê-la. Quem lê presume, quem vê participa do bem ou do mal — goza ou padece. Eu vejo.

Não admiras as palavras pelo seu valor senão por virem de mim, que ainda ontem balbuciava, e parece-te estranho que tão grande mó de gente se reúna para ouvir-me e louve o que digo. É que todos que aqui se ajuntam trazem a alma preparada para a doutrina.

Um leão manso pôde ser conduzido por um menino e para domesticar um onagro trazido do deserto não basta a força de dois homens. A ovelha trasalhada na selva embravece, o tigre tratado com humanidade roja-se submisso e come à mão do domador.

Assim uma criança pode falar a adultos desde que os encontre aderençados.

E, assim dizendo, Jesus brincava com o ramo verde que espalhava em volta aroma delicioso.

Foi nesse tempo que Ele fez a viagem a Jerusalém, para a festa da Páscoa, acompanhando Maria.

Nessa jornada, que a Lei prescrevia, os homens caminhavam apartados das mulheres. A Virgem porém, tomando a seu cuidado o Infante, levou-o na caravana feminina.

Ainda que as moças e as próprias matronas, ao longo do caminho, durante os quatro dias — que a tanto montava o tempo da viagem de Nazaré a Jerusalém — fossem cantando, por vezes bailando ao som de instrumentos, o Menino não parecia alegrar-se com a jocundidade festiva da companhia e, se a Mãe o interrogava ou o incitava a brincar com os da sua idade, retraía-se dizendo:

— De que serve mentir com o sorriso à tristeza que lava em meu coração? O mercador honesto só expõe amostras do que tem, como queres tu que eu sorria se em minh'alma só há tristeza? Porque não se há de permitir que eu seja corno sou? Não se exige da árvore estéril que dê frutos nem se pede ao areal arvoredo de sombra e há de o melancólico sorrir por comprazer dos que o cercam?

Deixa-me ser como sou. Que culpa tenho eu de haver nascido de um tronco cuja seiva e a lágrima? Não peças mais do que tenho.

E Maria, sem palavras a opor ao que lhe dizia o Filho, suspirava sofredoramente. Quando chegaram a Jerusalém — a cidade regurgitava de forasteiros — depois de ligeiro descanso, logo subiram ao Templo a cumprir o preceito da Lei.

Imolado o cordeiro pascal pelos sacrificadores no pátio do Templo, reuniu-se a Família em torno da mesa em que também apareciam os pães ázimos.

Não correu, com a alegria do costume, o banquete tradicional. Maria mal tocou na sua parte e, tanto que viu o Filho distraído, dirigiu-se a José falando comovida:

— Senhor, bom seria entender-vos com um dos sábios doutores da cidade afim de que nos valesse com uma receita que curasse o Menino do mal que o vai lentamente consumindo. Fez toda a viagem tão acabrunhado que nem as minhas carícias conseguiram desanojá-lo. Tudo lhe aumentava a melancolia. O sol, os risos, a beleza da terra, a alegria das moças, o luar das noites eram outros tantos motivos para que seus olhos se turbassem. Há nele um mal misterioso que só a ciência descobrirá. Porque não procurais um desses homens hábeis, que fazem prodígios com os seus remédios?

O patriarca respondeu:

— Acreditas, Maria, que alguém possa modificar a raiz de uma planta e a sua natureza a ponto de a fazer produzir outras flores que não as que lhe são próprias? Quem tal fizesse seria igual a Deus. Assim também não se muda a alma que trazemos: se ela vem para sorrir, há de sempre dar o sorriso; se traz por dom a tristeza, triste há de sempre ser. Calou-se.

O Templo atroava. As vozes ecoavam e, por entre a turba em que se cruzavam roupagens de todas as cores e havia ricas cintilações de metais e pedrarias, iam e vinham, de rojo, miseráveis gemendo, imprecando, chorando — cegos aos esbarros, leprosos com as chagas tresuando, paralíticos de rasto se todos oram duramente, enojadamente repelidos pelos próprios sacerdotes que os evitavam com repugnância.

Jesus, encostado a uma coluna, acompanhava o doloroso espetáculo com os olhos arrasados d'água e, como Maria se aproximasse, chamando-o, Ele disse-lhe:

— É esta a casa de Deus! Aqui são os ricos os que mais valem. Para eles abrem-se todas as portas, descerram-se todos os véus. São eles que se avizinham dos altares, como os levitas. As ondas de incenso envolvem-nos antes de subirem a Deus. Aos pobres nem consentem que cruzem o limiar do santuário.

O minha mãe, como minh'alma mentia ao meu coração quando lhe falava da Casa do Senhor. O que eu imaginava era o contrário do que vejo — os pobres em torno de Deus, como a sua aureola, a Piedade recebendo à porta os humildes — e encontro a ambição vendendo os lugares sagrados e os sacerdotes zumbridos diante dos cofres de ouro como se neles vissem imagens da arca santíssima. Ó minha Mãe... E rompeu a chorar agarrado à coluna.

Ao fim do terceiro dia, terminadas as festas, regressaram os peregrinos guardando a mesma ordem em que haviam chegado. Em caminho notou Maria a ausência de Jesus, mas supondo-o na companhia de José, não se inquietou.

À noite, porém, acampando as duas caravanas no mesmo sítio, não pôde a Mãe suportar as saudades do Filho.

Deixando a tenda e guiando-se pelos lumaréis que flamejavam no campo, foi em demanda do agasalho do esposo.

José estava sentado à beira do lume, a olhar o céu estreitado, quando Maria, rompendo das trevas, apareceu-lhe perguntando pelo Menino. Sobressaltou-se o ancião;

- Não o tens contigo?

— Eu! Não vem convosco? Não o trouxestes vós?

— Não. Bem o procurei, supondo que o havias chamado.

—Ai! de mim... Em pranto aflito, desgrenhada, lançou-se a Virgem pelo acampamento alarmando os que repousavam. Aos seus clamores acudiam as companheiras penalizadas, homens iam-lhe ao encontro condoídos — a todos fazia a misera a mesma pergunta: “Meu filho! Não o vistes?” De todos ouvia a mesma desoladora resposta: “Não!”

Perdido!

Saíram a percorrer os arredores com archotes de palmas, bradando pelo Menino.

Ninguém. Os cães ladravam nas herdades longínquas.

Á pressa, sem lembrar-se dos perigos a que se ia expor, pôs-se a Virgem a caminho seguida de José.

Não andava, corria pela noite negra, tropeçando em toros e em pedrouços, resvalando em barrancos, ferindo-se em espinhais. De quando em quando parava sem fôlego, com o coração em ânsia e ficava a escutar no silêncio.

Procurava José tranquilizá-la com palavras de esperança, a desventura da rompia em pranto e bradava desesperada o nome do Filho que os ecos repetiam, espalhando-o no escampo como se quisessem auxiliar a infeliz.

Alvorecia e a pobre Mãe, sem sentir fadiga, com os pés em sangue, os cabelos molhados de orvalho, correndo, precipitando-se, avistou no cariz do horizonte as terras brancas de Jerusalém.

Quis José que tomassem algum descanso em uma pousada, mas a Virgem negou-se e, caminhando, entrou na cidade quando começavam a troar os pregões dos mercadores.

Foi a todas as casas conhecidas, penetrou, arrebatadamente em todos os khans, percorreu todos os bazares perguntando a quantos encontrava, dando os sinais do Filho e ninguém que a tranquilizasse.

Perdido!

Viam-na passar e olhavam-na: uns com pena ou espanto, outros sorrindo. Um legionário tentou detê-la, ela nem deu pelo gesto do soldado e prosseguiu.

Desanimada e exausta, deixou-se cair sobre um escombro de pedras soluçando perdidamente. Foi quando José, erguendo os olhos para o céu, deu com o edifício colossal do Templo maravilhosamente iluminado pelo sol e disse, talvez para minorar os sofrimentos da infeliz com um resto de esperança:

— E no Templo, Maria? Quem sabe!? Talvez tenha lá ficado a distrair-se com os bufarinheiros.

— Sim! Sim! No Templo. Ó a esperança, lume que renasce ao sopro mais leve. E a Virgem precipitou-se, subiu aladamente a longa escadaria, atravessou o pátio rompendo a multidão.

De repente estacou, trêmula e pálida, as mãos ambas no peito, as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos molhando-lhe copiosamente o rosto, que sorria. É que descobrira o Menino.

Era ele! sim, era! lá estava, debaixo do pórtico, entre doutores que o ouviam em maravilhado silêncio, uns sentados, descaídos sobre os braços fincados nos joelhos, com os rostos esmagados nas mãos, os olhos fitos; outros de pé, imóveis braços cruzados, atentos.

E Jesus, no meio deles, lindo, transfigurado, discorria com suavidade, respondendo a objeções que lhe faziam, resolvendo dificuldades ou expondo, em palavras claras, Uma doutrina de amor. De instante a instante corria um rumor de aplauso na assembleia, os anciãos acenavam aprovando, entreolhavam-se deslumbrados, sorriam por verem tanta sabedoria exposta,

por uma boca em flor, tanto pensamento sublime nascido entre os cachos mimosos de uma cabeça, infantil.

A Virgem, que ficara à distância, extasiada, adiantou-se então e, dirigindo-se a Jesus, falou-lhe:

— Filho, porque usaste assim conosco? Sabe que teu pai e eu andávamos buscando-te, cheios de aflição.

Serenamente, avançando em passo grave, Jesus respondeu:

— Para que me buscáveis? Não sabeis que importa ocupar-me das coisas que são do serviço de meu Pai?

Não compreenderam os esposos as palavras do Infante, nem procuraram entendê-las, tão grande era neles a alegria por o haverem encontrado.

E Jesus retirou-se.

Voltaram-se os doutores para segui-lo com o olhar e, durante muitos dias, o assunto das conversas, no Templo foi o prodigioso Menino, tão novo e já iniciado nos mais profundos segredos da ciência d'alma o nos mistérios mais subtis da religião de Israel.

IV - MARIA ENCONTRA JESUS NO CAMINHO DO SUPLÍCIO

Foi um amotinado alvoroço no Pretório quando, depois da fraqueza de Pilatos, ao som das buzinas roucas, os soldados da guarda romperam vagarosamente a marcha.

O povo, atropelando-se, refluíu aos brados. Mercadores retiravam açodadamente os tabuleiros, corriam com os gigos, puxavam ou continham os animais espantados. Mulheres debandavam como perseguidas, levantando nos braços os filhos que choravam, esperneando com medo.

A tarde abrasava. Uma nuvem de pó ondulava nos ares como imenso véu doirado. Apesar da brutalidade com que os legionários repeliam, a conto de lança, os curiosos que se apinhavam fechando a passagem, a turba adensava-se a mais e mais, engrossando-se com os que chegavam de longe, atraídos pela notícia da sentença e pelo gozo do prometido espetáculo de morte.

Quando Jesus apareceu, derreado ao peso da cruz, a fronte lívida, lavada de sangue, as faces denegridas das punhadas com que o haviam maltratado, foi um

delírio na multidão. Homens acenavam com as abas das túnicas, com os turbantes; cajados entrechocavam-se alegremente. Mulheres agitavam os mantos, rapazes bailavam aos saltos, atirando ao ar as fotas, soltando gritos selvagens. E as injúrias cruzavam-se: afrontas, obscenidades, doestos caluniosos.

Vozes pediam com sarcasmo um milagre. Um velho maltrapilho, os pés envoltos em sujo esparto, avançou frenético, com os olhos cheios de cólera, a longa barba, amarela e eriçada, ainda úmida de vinho e, levantando os braços, magros e guedelhudos, pôs-se a rouquejar contra a vítima.

— Eh! lá, homem de Nazaré, mais depressa, que os corvos começam a estalar os bicos de impaciência. Chama os anjos para que te ajudem. Chama-os, sedutor de mulheres! intrigante! feiticeiro! Mostra o teu poder.

E outras vozes romperam em grita:

— Foi ele que fez murchar a vinha do meu horto.

— O meu campo era fértil, ele passou junto à cerca e logo a terra, secou e toda a planta morreu.

— Impostor! Feiticeiro!

Uma pedra zuniu, bateu no madeiro esfarelado-se.

Jesus não levantava os olhos, seguia lento, obedecendo a uma corda que lhe haviam atado ao pescoço e que o centurião, de instante a instante, em empuxo, atesava. Acompanhavam-no dois criminosos, levando cruces mais leves. Eram ladrões, Mas o povo não parecia dar por eles, só em Jesus reparava tornando-o alvo de todas as chufas e brutalidades.

Às portas das casas saíam os moradores: operários com as suas ferramentas, mães amamentando os filhos, mulheres coitadas de mitras, em túnicas tão leves que o ar enfunava-as ou lhas apegava às fôrmas com a facilidade com que desfaz o fumo, os braços nus, enrodilhados em braceletes de ouro, os peitos brancos desnudos, acenando aos mancebos, chamando-os para pedir informações.

Algumas apoiavam-se, com languidez, em escravas que traziam flabelos de longas plumas ou liras.

Nos eirados agitavam-se chusmas de curiosos, os braços erguidos, sustendo túnicas abertas ao sol à maneira de velários. Os pombos voavam assustadamente com um forte estalar de asas.

À medida que a marcha se alongava mais, crescia a multidão vociferadora.

O mártir arfava, alagado em suor e em sangue; as pernas tremiam-lhe, por vezes dobravam-se. De instante a instante as buzinas roucas estrugiam.

Passava Jesus diante do um casebre, cujos muros, tendidos e hirsutos de ervas, ameaçavam ruir, quando lhe saiu ao passo uma mulher piedosa e, com um pano de linho novo, enxugou-lhe o rosto, levando estampada na lençaria as divinas feições do paciente.

O povo rompeu em assuada, aos ganidos. Um homem avançou de repelão, tentando arrancar das mãos da mulher o pano ensangüentado, mas estacou levando as mãos ambas ao peito: o rosto enegreceu-lhe, túrgido, saltaram-lhe os olhos, vermelhos como postas de sangue, ferveu-lhe à boca uma espuma rubra e, com um rugido de dor, rolou por terra, morto. E logo tresandou tão insuportavelmente que o povo fez um claro em volta do cadáver ainda quente e já desfazendo-se como velha carniça.

A boca aberta e seca, respirando aos arquejos, e tão alto que se lhe ouvia o estertor opresso, ia indo Jesus aos arrancos. Vergava o dorso e, a mais e mais, falhavam-lhe os passos trôpegos. De repente, num estremeção, dobraram-se-lhe molemente as pernas e teria tombado ao peso do madeiro se mãos prestes o não houvessem amparado, não por piedade, mas por interesse cruel, por que seria uma decepção para o povo se o nazareno sucumbisse à fadiga, quando todos contavam com o espetáculo mais interessante da crucificação.

Ia o cortejo cruzando a Porta Judiciária quando um grito lancinante atravessou, o resso da marcha e o estuar rumoroso das falas, fazendo a multidão estacar de improviso.

Uma mulher estava de pé, entre as silvas do caminho, lívida, os olhos muito abertos, os magros e enfraquecidos braços alongados em desespero para o Mártir, balbuciando palavras que lhe morriam nos lábios, afogadas no pranto que os olhos despejavam.

Não se tirava do lugar. As ervas, que se lhe agarravam às vestes, pareciam retê-la e o seu corpo esguio, macilento, tremia todo com violência tamanha que os cabelos, já grisalhos, despenharam-se-lhe pelos ombros agudos.

Era Maria.

Como o centurião tirasse pelo barão fazendo caminhar o condenado, a misera lançou-se alucinadamente por entre os homens, passou por eles sem notar nos soldados que cruzavam as lanças para contê-la, deixando no ferro de uma farrapos da túnica. E entrou no cerco doloroso.

Chegou a Jesus e, inclinando-se, tomou-lhe o rosto nas mãos, pôs-se a beijá-lo com ânsia, lavando-o em lágrimas. E chamava-o em voz surda e meiga:

— Ó Filho meu! Meu Filho!

Mas a turba rosnavava, vozes protestaram:

— Afastai-a daí! Faz-se tarde. Cumpra-se a ordem de Pilatos. Morra o sedicioso!

E o centurião pôs-se a caminho, levando a vítima quase de rastos.

As buzinas troavam tirando ecos melancólicos dos vales e o som ia tão longe que se via, nos ressequidos barrancos, por entre as rochas áridas, fugirem corpos brancos, como pedras que rolassem, que eram ovelhas que o susto dispersava.

O caminho pedrento, recavado em sulcos, queimava como rescaldo.

Junto a uma velha, desmantelada cisterna repousavam recoveiros, com as lanças altas fincadas na terra seca e os jumentos presos a toros de figueiras mortas e, mais apartado, num inato de tojo, negro e pútrido, um leproso acorava-se arrepanhando os andrajos, não por vexame da sua quase nudez, mas para ocultar as chagas que lhe apodreciam o corpo.

Satisfeitos do que haviam visto, muitos curiosos regressavam lentamente conversando sobre o suplício ou sobre a festa da Páscoa; voltavam-se, por vezes, acenando para o Gol-gota escaldado, onde o sol ardia em fogo vivo reluzindo nas pedras, avermelhando os cardos.

Os legionários abochornados seguiam a passo, alguns levando os capacetes espetados nas lanças. A marcha remorava à medida que o caminho tortuoso ia alcançando o monte. Um dos ladrões parou, pediu água. A sua voz era rouca e áspera. Riram-lhe em rosto. O condenado irritou-se e respondeu com uma afronta, ameaçando ferozmente o grupo de onde partira a gargalhada. Foi então, uma rinchavelhada de troça, vaiaram-no, atiraram-lhe pedras e estêreo.

Maria não parava, caminhando às tontas, com uma ânsia que lhe tomava todo o ar, sufocando-a em sofrimento. Ia para o centurião de mãos postas, pedia-lhe: falava aos legionários, voltava-se angustiosamente para a turba e, como reconhecesse algumas das mulheres, chamava-as pelos nomes.

Retrocedia a correr, pisando na fimbria dos vestidos rotos, às topadas nas pedras que ressaltavam e tomava; a mãos ambas, a cauda da cruz esforçando-se para que todo o peso do madeiro lhe coubesse; mas os soldados repeliam-na brutalmente, ameaçando-a.

— Vós não sabeis, de certo, que ele é meu Filho... Meu Filho! Deixai que o ajude a levar a cruz, tenho força para carregá-la e ainda que os braços m'a negassem, pedi-la-ia ao coração, O seu peso é mais suave do que a minha agonia e eu caminho, bem vedes. Não é possível que vossos olhos não vejam o meu sofrimento. Eu devo estar transfigurada.

Que fez ele? Porque assim o maltratam? Porque o levam à morte? Quando me foram dizer que o haviam condenado eu, que ardia em febre; eu que, há mais de quinze dias, não me podia arrastar até à porta da minha casa, senti-me outra e tive forças para correr a vós o para clamar tão alto que os próprios abutres que passam nas nuvens ouviram os meus gritos e apressaram o vôo. Aqui estou, sou mãe, sua mãe. Ele é meu Filho. Trouxe-o pequenino ao colo, deixai que agora o ajude a carregar o seu patíbulo. Ele é tão fraco, tão doente... Se soubésseis!... Foi sempre assim fraco. Por César! Por vossa mãe! Por vossos filhos!

Ajoelhou-se de mãos postas, pedindo com os olhos amarados, mas o povo não se comoveu com as suas palavras, com as suas lágrimas e tê-la-ia pisado se um homem mais caridoso não a houvesse levantado fazendo-a sair.

— Corações frios! Ainda que ele fosse um assassino, vós devíeis ter pena. Que fez ele?

Jesus não levantava os olhos, receoso de encontrar os de Maria, e caminhava extenuado, esforçando-se; sentia-se-lhe o desejo de apressar a marcha para acabar aquela agonia, chegar à morte mas depressa.

A cruz, de rasto, a deixando pela terra um sulco sinuoso e o povo para abreviar o espetáculo, empurrava-a a rir, ajudando o Mártir.

Mas as forças abandonaram-no. Parou, ergueu os olhos ao céu; os braços caíram-mo flácidos ao longo do corpo e, oscilando, tombou de joelhos sobre as pedras agudas, sem um gemido, e ficou imóvel, com o rosto na terra, a coroa de junco a arranhar-lhe a fronte.

Foi nesse momento que o centurião, impaciente, vendo na turba um homem robusto, conhecido pelo nome do Simão de Cirene, chamou-o intimando-o a levantar a cruz e auxiliar o condenado. O homem adiantou-se e, com facilidade, executou a ordem. Ergueu-se Jesus e, como o centurião tirasse pela corda com violência, Maria, que se debatia na multidão, desmaiou e deixaram-na sobre ervas, como morta.

Mulheres cercaram-na e lenta, silenciosa, começou a subida do Gólgota por sobre ossos brancos dispersos e cardos que repontavam por entre as pedras.

V - A MORTE DE JESUS

Despojado violentamente dos trajos irrisórios com que o haviam vestido, ficou Jesus desnudo e, imóvel, cheio de serenidade, o olhar parado, perdido no céu largo e abrasado. Exposto às vistas ultrajantes da soldadesca desabrida, que o cercava, e do povo amotinado e ansioso pelo espetáculo da morte, ali esteve sofrendo todas as afrontas todos os vilipêndios, sujeito aos comentários mais soezes da gentalha que ria da extrema magreza do seu corpo maculado de equimoses e seviciado pelos flagelos.

Moços lânguidos, alongando os braços nus nos quais tinham luzentes armilas de ouro e de marfim, caminhavam vagarosos, soerguendo as túnicas para evitar a urze ou para que lhes vissem os coturnos os recamados de pérolas.

Mulheres cochichavam. Ao aroma do nardo misturavam-se o fortum de suor e o cheiro agreste e do suarda que tresandavam os grosseiros pastores e os tintureiros cujas mãos pareciam erduvadas em púrpura ou em azul.

Crianças imundas jogaram pedrinhas, amatilhadas nos vãos das rochas e velhos maltrapilhos, arrepanhando os sórdidos farrapos, ganiam estendendo as mãos engelhadas ou mostrando chagas em sangue em torno das quais as moscas assanhavam-se.

Era como uma feira alegre e rumorosa o lúgubre planalto. Luziam ao sol os capacetes dos legionários; as lanças, encostadas nas rochas, em feixes, faiscavam como se um lume lhes ardesse no ferro, e, de quando em quando, roufenha, a buzina ressoava.

Já os dois ladrões estorciam-se nos seus cruzeiros. Um deles, enfurecido, com a espuma a ferver-lhe aos cantos da boca, contraída em rictus, injuriava o povo, bradava insultos em voz rouca e arquejada; o outro, resinado, meneava a cabeça e via-se-lhe crescer o peito, encher-se-lhe o ventre na ânsia da

respiração angustiada. Lágrimas lentas desciam-lhe ao longo da face, abrindo dois laivos na poeira que a avermelhava. Em volta, a turba, contida pelos legionários, resmungava, protestando contra a aspereza do centurião inflexível que não permitia a passagem além do limite traçado por uma corda de linho. Alguns, mais atrevidos, investiam, agarravam a corda sacudindo-a, mas legionários corriam apontando as lanças ou brandindo gládios e era uma debandada confusa, um atropelo de recuo e atroavam gritos. Alguns rolavam espezinhados e ficavam escabujando, guaiando na poeira.

Jesus não fazia o mais leve movimento. Do instante a instante um frêmito crispava-lhe a face lívida, as pálpebras batiam em palpitações repetidas e a boca descerrava-se-lhe. Mas a sua atitude mantinha-se como a de uma estátua, impassível no meio daquela turba borborinhante, que grasnava, vociferava e ria fervilhando no monte como abutres em carniça.

Nuvens negras subiam pesadamente, acastelavam-se no céu, como outeiros que se houvessem levantado nos ares e lá fossem, com as suas corcovas escuras, construindo cordilheiras no espaço. O ar era denso, empoeirado.

Corvos passavam em vôo rápido ou baixavam cangados e, de asas abertas, ficavam pousados nas arestas das penhas, olhando as cruzeiras, com curiosidade humana.

Um homem escuro, quase negro, de grenha crespa, com um saião remendado, as pernas escalavradas, passou por baixo da corda que limitava o âmbito da justiça e, silenciosamente, desenrolando um avental de couro, despejou sobre o pedregulho uma grossa ferragem. Agachando-se, então, pôs-se a escolher cravos, experimentando-lhes a ponta na palma da mão calosa e, tomando três dos mais agudos, adiantou-se de vagar, de olhos fitos no rabino.

Então um legionário moço desligou os pulsos vincados do mártir e, impondo-lhe as mãos brutas ao peito macilento, ripado pela ossatura saliente, levou-o, aos safanões, até o cruzeiro que jazia, em terra, com a base chegada a uma cova, e, com um empurrão, derrubou-o nas pedras, porque era todo um rebo áspero de cascalho o ponto da montanha, onde se realizavam os suplícios.

Dois legionários, alagados em suor, com os capacetes atirados para as costas, arrastaram o nazareno, deitaram-no a fio sobre a cruz e o homem escuro, cavalcando-o, tomou-lhe um dos braços, esticou-o, espalmou-lhe a mão e, impondo um cravo, bateu-o. O sangue espirrou em esguicho, correu em jorro, empastou-se em coágulo.

Saltando ágil sobre o tronco do condenado impassível esteve-lhe o outro braço e, de novo, o martelo troou em pancadas que os ecos redobravam. Repuxou os

braços pregados, mirou-os e, dum salto, passou à base do cruzeiro, juntou os pés de Jesus e, fincando o cravo, martelou com furor, a mãos ambas, arfando.

Um tremor percorreu todo o corpo do paciente, a boca abriu-se-lhe lentamente, como em bocejo, cerraram-se-lhe os olhos e mais lívido se lhe tornou o rosto marejado de suor.

Já dois soldados passavam uma corda no alto da cruz. Houve um brado e os legionários, curvando-se, com as pontas da corda pelos ombros, avançaram tirando esforçadamente o madeiro que outros empurravam e lá se foi erguendo o poste, escarvando a borda da cova; súbito, um resvalo, afundou na terra e ficou de pé, oscilando.

Logo o homem que pregara os cravos meteu as cunhas, acumulou pedrouços reforçando o amparo e o sangue da vítima pingava em gotas lentas. Dois mastros, rubros como arrecadas de coral, penderam dos braços, um fio sinuoso escorreu dos pés e a multidão irrompeu em grita vendo o rabino sacrificado, com uma tanga de Unho grosso em torno dos rins, os cabelos escorridos, empastando-se-lhe na fronte laivada pelos espinhos da coroa de junco.

Então os soldados, dando por concluído o fúnebre serviço, lentamente afastaram-se buscando sombras. Uns, despindo a couraça, pendurando os capacetes, estenderam-se sobre os mantos; outros, em círculo, puseram-se a jogar, chalrando. Acharam a túnica de Jesus. Um deles abriu-a, examinou-a e mostrando-a, a rir, propôs um preço. “Será de quem a ganhar ao jogo!” bradaram. E foi um tumulto, uma alegre algazarra.

Entre o povo vozes apregoavam refrescos e bolos. Uma mulher ia e vinha oferecendo figos em voz larmirienta.

Nesse momento o ladrão, que não cessava de resmungar, voltando a cabeça, disse em tom atrevido:

“Se és o Cristo, livra-te e a nós...” O outro, porém, repreendeu-o:

— Nem te comoves do sofrimento, cuja dor conheces. Tu e eu fizemos por ele, mas que fez este justo por merecê-lo? E, docemente, inclinando-se para Jesus, implorou:

— Senhor, lembrai-vos de mim quando vos virdes no céu.

E o mártir respondeu docemente:

— Em verdade te afirmo que hoje ser às comigo no paraíso.

Duas mulheres saíram da multidão e; seguidas por um mancebo louro, chegaram-se vagarosamente à cruz.

A mais moça era linda, alta e branca, loura, de olhos muito azuis e amparava a mais idosa, que era Maria.

Ao verem-nas, os da turba logo sussurraram:

— É a de Magdala. A que vivia perto da fortaleza e tinha escravas negras e auletridas vindas das ilhas gregas. E citavam-se nomes de saduceus abastados, de romanos perdulários que a procuravam e que, por ela, se haviam perdido.

— Dizem que se desfez de tudo, até do seu patrimônio, cedendo aos pobres o último óbolo.

— Enamorou-se do nazareno. Ouvia-o chorando, seguia-o descalça e, quando ele parava, estendia-se-lhe aos pés, e sorrindo, com toda alma nos olhos, ficava-se a contemplá-lo. Lavou-lhe, certa vez, os pés com essência de nardo, enxugou-os com os próprios cabelos. Riram.

E as duas mulheres pararam defronte do cruzeiro. A de Magdala chorava. Maria mal se sustinha; vergava, cambaleava nos braços do louro inancebo, que era João, o apóstolo mais moço. Olhava, estendia os braços e dos lábios secos não lhe saía palavra. Então, o meigo discípulo sentou-a aos pés da cruz e ali ficou a Dolorosa imóvel, de olhos muito abertos, estremecendo, sem um gemido, sem uma lágrima.

Da turba partiam chufas — eram fariseus que intimavam o Cristo a realizar um milagre. Martirizavam-no com os próprios benefícios que ele fizera, atiravam-lho em rosto, à maneira de injúrias, as suas próprias misericórdias.

— Não deste vista aos cegos? Não fizeste andar os paralíticos? Não ressuscitaste os mortos? Tira-te daí. Chama os teus anjos.

Outros protestavam furiosos contra a legenda que encimava o cruzeiro, na qual Jesus era inculcado como Rei dos Judeus.

Servos do Templo faziam pelotas de barro e atiravam-nas à cruz. De repente, com um rangido, o corpo do mártir estorceu-se e palavras saíram-lhe da boca:

— Mulher, eis aí o teu filho...

Falava de João à Maria e, como o discípulo o encarasse, disse-lhe:

— Eis aí a tua mãe. E calou-se.

Não teve Maria coragem de levantar os olhos

— ficou encolhida, tremendo como em frio intenso. A grita do povo não a tirava da imobilidade trágica, toda ela entregara-se ao sofrimento, só atendendo às oscilações do cruzeiro no qual se encostara.

As nuvens cresciam no céu tenebrosas, encobrando o sol; rolavam trovões à distância, asas estalavam no ar pesado e o calor tornava-se insuportável. Foi então que, enfraquecidamente, o Cristo murmurou com um estremeção violento:

— Meu Deus! Meu Deus! porque me desamparais!?

Andavam os soldados em volta da cruz cantarolando, e como outras mulheres se aproximassem, entraram a chasqueá-las. Ofereciam-lhes posca, acenavam-lhes com punhados de tâmaras ou pediam-lhes notícia do famoso profeta que revivava os campos secos e restituía a vista aos cegos, sarava os leprosos das ruínas, defendia os pequeninos.

Pouca gente estava nas imediações. Temendo a tempestade, que se armava, a maioria descera em alegre arranchada cantando, bailando por entre a urze e os cardos dos caminhos pedrentos.

Foi em meio do silêncio que a voz de Jesus soou quase extinta:

— Tenho sede.

Maria ergueu-se de ímpeto, mas faltaram-lhe as forças; oscilou, foi de encontro ao cruzeiro. Ampararam-na. Estendeu os braços ao Filho e ficou como de pedra, a olhá-lo.

Um homem acudiu com um cana em cuja ponta havia uma esponja encharcada em vinho. Provou-a o nazareno, mas repelindo-a, disse, inclinando a cabeça:

— Tudo está consumado!

Um estremecimento sacudiu-o todo, fazendo com que se lhe abrissem mais as feridas e o sangue corresse copioso. Subia-lhe o peito em haustos, a cabeça debatia-se e, rolando os olhos, escancarando a boca em desmedido hiato, sorveu com ânsia o ar e depois exclamou:

— Pai, em vossas mãos encomendo o meu espírito!

Ainda um instante moveu-se. Mas amoleceram-se-lhe flacidamente os braços e a cabeça, como abandonada, tombou-lhe pesada ao peito.

Com estrepito convulso a terra em torno abalou-se, o monte fendeu-se em brecha profundíssima, coriscos zebraram o fundo caliginoso do céu e uma noite súbita baixou.

Os soldados recuaram cheios de assombro. Alguns, atirados longe, não tiveram ânimo de erguer-se e ficaram a murmurar estarecidos.

O próprio centurião, imobilizado, não teve palavra para animar a sua gente. Só Maria, petrificada no sofrimento, não sentira a terra tremer, não dera pela treva súbita, não vira faiscarem os raios: inerte, olhos imensos, não se tirava, da atitude de êxtase doloroso.

A Madalena lançou-lhe os braços ao pescoço, atraiu-a a seu colo, beijando-a, chamando-a. A triste Mãe não despertava, ainda que os lábios lhe tremessem e os olhos, cada vez mais brilhantes, acusasse, o ardor intensíssimo da febre que a consumia.

Quis o discípulo chamá-la à vida com o martírio como quem procura despertar um epilético torturando-o, e anunciou-lhe a morte de Jesus.

A misera não deu mostras de ouvi-lo: Ali estava, era a dor calada, a dor suprema, a dor emparedada no coração, que se não expande e concentra-se a mais e mais. Era a paralisia d'alma, o arroubo doloroso, o surto de agonia.

Não tinha lágrimas: era como uma fonte estancada cujo leito estala e brilha ao sol.

Imóvel, toda ela era tortura — como uma casa fechada dentro da qual se cometessem atrocidades. No exterior era a gélida indiferença, quem se inclinasse ao seu peito ouviria, o desconcertado pulsar do coração lutando com a agonia.

E os olhos parados, tão abertos, que viam em fito? viam o Passado, todo o suave tempo, os lugares em que Ele vivera.

Via-o pequenino nas palhas de Belém; via-o em Matarieh, a sombra dos sicômoros; via-o em Nazaré entre as figueiras; via-o em Jerusalém, no Templo. Depois... Oh! as saudades, as longas esperas, as apreensões, o medo...

Ele, perdido e só dele a fama dos milagres, das misericórdias, das bênçãos.

Onde ela passava e via um vinhal viçoso, logo lhe diziam: “Era uma velha cepa. Jesus tocou-a e logo empampanou-se e encheu-se de racimos”. Homens que encontrava pelos caminhos, lavando as chagas na água escassa dos córregos, pediam-lhe notícias de Jesus; cegos "bradavam o seu nome; parálíticos arrastavam-se ao seu encontro; criancinhas reclamavam-no e a sua bondade infinita era aclamada por todos, gentes de todas as terras procuravam o seu rastro "bradando o seu nome e ele parava, atendia a todos, sorrindo. E ali estava...

Quis levantar-se, vê-lo... e tombou nos braços das mulheres como ferida de morte.

VI - JESUS GOLPEADO PELA LANÇA E DESCIDO DA CRUZ

Toda a cidade alvoroçou-se com os fenômenos que se deram no instante em que expirou Jesus e mais com as notícias que chegavam de vários pontos, principalmente das imediações do Gólgota, trazidas por zagais e lavradores.

Nas ruas, nas praças, refervia o povo, que abandonara as casas, em açodado tumulto, com receio de ficar sob as minas se a terra outra vez tremesse.

E formavam-se grupos em torno dos que chegavam espantados, narrando prodígios.

Aqui, era um servo do Templo e referia que, estando a lavar as lajes, sentira-se, de súbito, envolto em trevas; tora depois um clarão como de muitos soes e estrondo de sem que alguém nele estivesse, rasgar-se, de alto a baixo, o véu do santuário.

Ficara um momento sem poder tirar-se da posição em que caíra, logo, porém, que conseguira levantar-se, com todo o sangue gelado, deitara a correr anunciando o que vira. Os sacerdotes lá foram o todos pasmaram em silêncio sem achar explicação para o caso estranho.

Um pegureiro, ainda trêmulo, voltando-se, atônito, para o lado do monte, dizia: — Ali em baixo, entre penhas, andavam soltas as minhas cabras. Tenho ali o corveiro e o colmado em que durmo. Nunca houve em tal sítio caso algum que m'o fizesse temer. Cantava cosendo as ervas do meu jantar quando, subitamente, densas trevas cercaram-me: senti-me como em sepulcro e logo, acendendo-se uma claridade, todos os rochedos estalaram com estampido, abriu-se a terra em brechas e as minhas cabras, ai! de mim, abismaram-se em precipícios profundos.

Entre todos, porém, o caso que mais aturdiu e espantou foi o de uma mulher, que tão depressa abalara do campo que lá deixara toda a sua fortuna, que eram alguns *meaks* e o seu gigo de uvas colhidas com desvelo na sua vinha, que secara.

E disse a misera:

— Vinha eu de vagar, cantando, quando o céu escureceu e lampejaram relâmpagos e rebentaram trovões. Achei-me entre brancos sepulcros. Atordoada, encosto-me a um deles e eis que a pedra por si mesma se afasta docemente, e silenciosa como as névoas passam à flor dos outeiros nas manhãs de inverno, e um morto, que ali jazia, sobe do fundo da terra, envolve-se na mortalha e, sem que os pés toquem o solo, parte, desaparece entre as árvores. Outros túmulos lançam de si os seus hóspedes e eu os vejo a todos, a alguns reconheço. Vão-se, somem-se; e o ar embaisama-se com o cheiro das essências e eu fico tombada, transida de medo, entre os sepulcros vazios, sentindo a terra tremer e as lajes arrastarem-se surdamente, de vagar.

Todas as vinhas ficaram esturricadas e as figueiras morreram. Fontes que nunca negaram água estão secas. Que terá havido? Ai! de nós, pobrezinhos...! e, como as nuvens se acastelassem em rolos negros, crescia o pavor do povo. Aves cruzavam-se nos ares com gritos trágicos... A gente dos campos entrava, a cidade espavorida referindo o que vira e, como do uma casa saísse um velho, que todos sabiam entrevado, e corresse, com as grandes barbas ao vento, parando, de instante a instante, para apalpar as pernas que se lhe haviam destravado, conduzindo-o com ligeireza fácil, o povo precipitou-se empós ele, chamando-o, bradando-lhe o nome. E o velho lançava os magros braços acenando para o céu turvo e corria, sem mostrar fadiga, gozando a delícia daquela liberdade.

No próprio palácio do governador era desusado o movimento — roldas de legionários passavam em marcha acelerada, soavam buzinas. A cidade estava toda em alvoroço.

Os mercadores, abandonando as lojas, saldaram a notícias metendo-se nos grupos, confundindo as suas túnicas com as peles sórdidas dos pastores airados, que não se atreviam a voltar ao campo e acolhiam-se, com medo, aos pátios, metiam-se nas alfurjas, murmurando preces, beijando devotamente os seus amuletos.

Dois homens, com ordens de Pilatos, levando aos ombros pesadas barras de ferro, chegando ao Gólgota, procuraram o centurião e, depois de ligeiras palavras, trocadas em voz baixa, encaminharam-se para o lugar em que

avultavam as cruces e, descansando as barras, ficaram, um momento, a olhar os pacientes.

Os ladrões ainda viviam. Um deles, o que desafiara Jesus a fazer um milagre, debatia-se contorcendo-se em grande desespero, como procurando arrancar-se do poste. A barba, negra e dura, crescia-lhe no rosto como um sarçal em barranca, os cabelos empastavam-se-lhe na frente, os olhos chispavam, queimavam.

O outro, a boca aberta, os olhos lânguidos, amortecidos sob as pendidas pálpebras, arquejava com ânsia e, de instante a instante, um gemido escapava-se-lhe do peito vincado pelas costelas. Um dos homens adiantou-se e, sorrindo sinistramente, falou ao ladrão mais robusto:

— Éh! lá, amigo. Sempre é melhor a vida livre na estrada que os mercadores freqüentam. Tinhas o teu fojo e afiavas a faca no lombo das pedras. A noite, mal ouvias vozes ou tropel de animais, sabias com os do teu bando e, de um salto, estavas sobre a vítima que marcaras. Que te importava o sangue? O golpe era certo e o saque pagava o trabalho e a vigília. Eras homem de ação e deves sentir essa imobilidade. Para um rapaz como tu, convenho que a posição não é lá das mais cômodas. Vamos acabar com isto.

O ladrão lançou-lhe um olhar faiscante de ódio e, vendo-lhe a barra em punho, teve um arrepio, tentando instintivamente encolher as pernas.

Já ressoavam pancadas surdas cortadas por gemidos — era na cruz de Dimas, o bom ladrão, primeira vítima do crurifragium.

O carrasco que falara, como para alongar a agonia do criminoso que lhe coubera e que continuava a ameaçar, a injuriar, sentou-se numa pedra, com a barra deitada sobre os joelhos. E zombava com um risinho cruel:

— Encolhes as pernas? Se é para as fazer menores não te dê isso cuidado, deixa por minha conta. Em tal serviço não ha, mesmo em Roma, quem se possa medir comigo... Garanto-te que h à de ficar satisfeito.

Os assistentes, que se ajuntavam além do limite traçado pelo centurião, riam das zombarias do carrasco. E ele levantou-se, tomou a barra a mãos ambas, meneou-a.

O ladrão soltou um urro feroz e sacudiu-se com tal violência que a cruz ficou longo tempo oscilando.

Outro golpe e as pernas dobraram-se, o corpo escorregou sem apoio, ficando apenas mantido pêlos braços retesos.

O sangue escorria grosso, denegrido, empoçando-se na terra e os ossos apareciam em estilhas através da carne triturada.

Soldados, curiosos do espetáculo, agruparam-se diante da Cruz. Como o ladrão continuasse a rugir, debatendo-se nos estrebuchos da agonia, o carrasco amiodou os golpes, macerando-lhe as pernas retalhadas, e a barra, de espaço a espaço, batia surdamente nas carnes esmagadas fazendo saltar esquirolas.

Por fim, cerrando os olhos, conservando a boca escancelada e retorcida, o desgraçado expirou.

Dimas pouco havia resistido.

Os dois carrascos, limpando o suor da fronte, já se dirigiam para a cruz de Cristo quando viram, imóvel, os olhos estanques, as mãos abandonadas ao colo, Maria sentada junto ao madeiro.

— Quem é? perguntou um deles.

— É a mãe do rabi, disse o centurião, de nome Longuinhos.

— É preciso arredá-la.

— Que ides fazer? Não vedes que está morto? E, para provar o que afirmava, levantando a lança abriu urna ferida no flanco de Jesus. Dela escorrendo sangue e água, uma gota foi, maravilhosamente, aos olhos do soldado que logo se rojou em terra cheio de arrependimento, chorando, convertido pelo remorso, adorando aquele cadáver em que residira o espírito divino.

Maria estava insensível—nem as suas roxas pálpebras batiam. Julgando-a morta, Magda-lena ajoelhou-se-lhe aos pés, chamou-a. A Virgem não fez o mais leve movimento — mas o coração batia.

Ó mísero coração! Todas as forças da infeliz estavam nele concentradas, em torno da mágoa. Toda a vida refugiara-se naquele santuário do sofrimento: os soluços, as lágrimas, as deprecações, tudo lá estava, não havia passagem para o menor alívio.

Os que choram dispersam tormentos, os soluços arejam o coração. Maria tinha a dor trancada e ali estava aparentemente insensível.

Era a superfície enganadora, a parede de um cárcere dentro do qual o carrasco, lentamente, abafando todos os gritos, supliciasse a vítima.

Nem quando José e Nicodemos retiraram o cadáver da cruz a infeliz pôde soltar as lágrimas: olhava imóvel e muda. E vagarosa, amparada por Madalena e João, desceu a montanha seguindo o corpo amado, tão impassível, de olhos tão enxutos que só os que a levavam sabiam que ia ali a dor, a imensa, a inenarrável dor, tão grande que não cabia em queixas, em lágrimas, em soluços.

VII - JESUS ENCERRADO NO SEPULCRO

Era num horto, entre rosais.

O silêncio e a amenidade tornavam-no o ponto favorito dos pássaros que por ele andavam esvoaçando de ramo em ramo ou pelo saibro, nos relvedos, à beira do rego por onde sempre discorria um fio d'água.

Sicômoros robustos alargavam sombras re-pousadas e, contrastando com a beleza e com a fartura do sítio, uma rocha, escavada e negra, toda cercada de cardos, avultava monstruosa e melancólica. No flanco fora cavado um jazigo, que pertencia a José de Arimateia. Ali fora deposto o cadáver do Mártir.

O perfume das essências funerárias embalsamava o ambiente: aroma triste, de morte, que comovia.

Caiados, os discípulos, que haviam acompanhado o corpo àquele repouso, rodeavam a rocha, encostados aos troncos ou diante do sepulcro, ajoelhados, chorando.

A noite descia calma e estrelada. Cantavam cigarras e longe, como a Páscoa estava próxima, estrugiam vozes festivas, ressoavam címbalos.

Maria, sempre amparada pela Madalena, quedara contemplativa ante o bruto rochedo. As lágrimas rebentavam-lhe dos olhos, os lábios entreabriam-se-lhe deixando passar suspiros.

De repente, tocando a pedra, apalpando-a, murmurou:

— Tão fria!

— Que sentis, Senhora? perguntou João adiantando-se solícito.

E ela, de novo, murmurou:

— Tão fria! E dizer que é tudo quanto me resta! Toda a minha fortuna aqui jaz.

Eu era tão venturosa que meus passos felizes abençoavam a terra; a minha alegria era uma claridade que alumia. Nunca invejei! Que podia eu desejar mais neste mundo se o tinha, a Ele, meu Filho? Contemplando-o, recordava todo o passado e era sobre a sua cabeça que meus olhos viam o futuro. Meu horizonte!

Quando o via vir pelos caminhos claros, dobrado de fadiga, o meu coração ficava tão contente como ficam as flores, depois de um dia de sol, quando o ar refresca anunciando o orvalho.

A sua voz era a música que embalava minh'alma e chamar-lhe Filho era para mim felicidade tamanha que, ainda na sua ausência, esse nome era o brinquedo dos meus lábios. Ai! de mim... A minha vida encravou-se na pedra!

E eu hei de andar sozinha, e hei de ouvir a outras mães aquilo que me não é dado dizer. Filho! Filho! Filho!

Este nome devia desaparecer da terra; para mim não existe, é uma palavra que findou, uma alegria que se extinguiu. Não sairei, ninguém mais me verá.

Aqui fico, eu e a Morte, minha companheira. E que fez Ele? Foi bom, amou, quis ser generoso e aqui está para o sempre.

A Madalena inclinou-se-lhe ao ombro segredando-lhe uma consolação:

— Ressurgir, dizes. Há de ressurgir... E eu? Cuidas que terei tanta força que espere três dias, que passe todo esse tempo sem vê-lo, sem ouvi-lo? Ainda que ele volte, ai! de mim, não mais encontrará vivo o coração que o amou. Sinto que me desfaço em lágrimas. E tudo, em volta de mim, rejubila: os pássaros cantam, os ramos agitam-se e brilham estrelas no céu. Pois é possível que não saibam que morreu meu Filho? É possível? Nos dias tristes toda a terra entristece e porque há de a natureza ser indiferente à tristeza de uma alma?

Rocha, agora és tu que o trazes, Ele jaz no teu seio, é teu Filho. Ai! de mim.

A Madalena, posto que se conservasse ao lado da Dolorosa, mal ouvia as palavras que lhe saíam dos lábios. Não eram vozes, senão um sussurro tirado pela dor como o murmulho das folhas à passagem do vento.

João, lembrando-se das últimas recomendações do Mestre, tentou serenar o coração de Maria:

— Aquietai-vos, Senhora. Sois Mãe, é certo, e, por isso mesmo, mais do que todos deveis confiar na sua palavra. Ele veio à terra conhecer a agonia humana, despiu-se da grandeza, divina e vestiu-se de sofrimentos.

De vós nasceu e chorou ao entrar na vida, sendo recebido pelo frio.

Crescera na pobreza, fez-se homem entre os simples.

Trilhou as estradas mais ásperas ao sol e à chuva; visitou enfermos, ouviu oprimidos, verificou injustiças, conheceu a fome e a sede, a dor das enfermidades e o peso das ingratidões.

Fez o milagre o foi apalpado; distribuiu o pão e deram-lhe o fel; ressuscitou os mortos e acabou em uma cruz. Sorve, até a última gota, o cálice amargo e, a esta hora, já está no céu pedindo a seu Pai a misericórdia para os homens.

O que agora lamentais não é o sofrimento, porque esse findou para Jesus; lamentais a vossa solidão.

Mas os justos não morrem, porque deixam na terra o benefício que os eterniza.

É noite, não há sinal de sol no céu, mas escutai o crepitar do alfobre: são as sementes que rebentam, porque o sol aqueceu-as e fecundou-as. Virão árvores de sombra e fruto.

Ele aqui jaz sepultado no seio da pedra. Ide, porém, por todas as estradas e vê-lo-eis vivo o eterno. Ele é a esmola, Ele é a cura, Ele é a consolação, Ele é a prece.

A malga que o lavrador entrega ao mendigo faminto, foi Jesus que a encheu. O homem que espreme o bálsamo na chaga do ferido foi guiado por vosso Filho. A mulher que se precipita para serenar o coração da viúva, ouve-lhe a voz celestial e cumpre a sua ordem e a criança que se ajoelha, junta as mãos e ora, eterniza na prece a grande Fé que há de consolar as almas.

O que aí jaz pertence à terra, é o corpo. Não o choreis — levantai os olhos para o céu, lançai-o sobre o inundo aflito e vereis que o vosso Filho vive.

— Oh! palavras que soam. Fazes comigo o que fazem as mais com os pequeninos: queres que eu adormeça e cantas, Deus! E tinha eu força para trazer um Deus...? Sim, dizes bem...

Deus! Só um Deus podia sofrer tanto e sem queixa, como Ele sofreu. Mas, ai! de mim, sou mulher, sou humana e as dores são muitas para a minha fragilidade.

Sabes que é um coração de mãe? Eu mesma não sei como resisto a tamanha agonia.

A dor sustenta. Olho para todos os lados e vejo tudo deserto. O rumor que ouço é como o atrôo de uma caverna. Estou no vazio, na solidão.

Antigamente — ainda ontem! — mal anoitecia, eu ficava a esperá-lo. Se o vento sacudia a porta, logo me precipitava. Quantas noites passei em vigília vendo, em vez dele, entrar o sol da manhã.

Sabia-o longe e, quando me vinham referir os seus milagres, eu chorava, invejando o enfermo que fora tocado pelas suas mãos, o morto que se levantara ao som da sua voz, o rochedo estéril que rebentara em fonte a seu mandado.

Ele andava a maravilhar as gentes e eu, ai! de mim, tão só, tão triste, sem, ao menos, poder vê-lo, ouvi-lo, porque Ele trocava o meu amor pela Humanidade e deixava os meus beijos sem pouso como avesitas perdidas nos mares largos que, exaustas de voar, caem e perecem na vaga. E agora...! É Deus, dizeis vós... E eu sou mãe. Ai! de mim.

Disse e, enlanguescendo, tombou como morta nos braços de Madalena.

A noite cintilava estrelada e aves cantavam, ao luar, no horto que recendia.

BIOGRAFIA

Coelho Neto (Henrique Maximiano C. N.), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934.

Foram seus pais Antônio da Fonseca Coelho, português, e Ana Silvestre Coelho, índia. Tinha seis anos quando seus pais se transferiram para o Rio. Estudou os preparatórios no Externato do Colégio Pedro II. Depois tentou os estudos de Medicina, mas logo desistiu do curso. Em 1883 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Seu espírito revoltado encontrou ali ambiente para expansões, e ele se viu envolvido num movimento dos estudantes contra um professor. Prevendo represálias, transferiu-se para Recife, onde fez o 1º ano de Direito, tendo Tobias Barreto como o principal mestre. Regressando a São Paulo, entregou-se às ideias abolicionistas e republicanas, numa atitude que o incompatibilizou com certos mestres conservadores. Não concluiu o curso jurídico em 1885, e transferiu-se para o Rio. Fez parte do grupo de Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney e a história dessa geração apareceria no seu romance *A conquista* (1899). Tornou-se companheiro assíduo de José do Patrocínio, na campanha abolicionista. Ingressou na *Gazeta da Tarde*, passando depois para a Cidade do Rio, onde chegou a exercer o cargo de secretário. Por essa época começou a publicar seus trabalhos literários.

Em 1890, casou-se com Maria Gabriela Brandão, filha do educador Alberto Olympio Brandão e do casamento teve 14 filhos. Foi nomeado para o cargo de secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, Diretor dos Negócios do Estado. Em 1892, foi nomeado professor de História da Arte da Escola Nacional de Belas Artes e, mais tarde, professor de Literatura do Ginásio Pedro II. Em 1910, foi nomeado professor de História do Teatro e Literatura Dramática da Escola de Arte Dramática, sendo logo depois diretor do estabelecimento.

Eleito deputado federal pelo Maranhão, em 1909, foi reeleito em 1917. Foi também secretário-geral da Liga de Defesa Nacional e membro do Conselho Consultivo do Theatro Municipal.

Além de exercer vários cargos, Coelho Neto multiplicava a sua atividade em revistas e jornais, no Rio e em outras cidades. Além de assinar trabalhos com seu próprio nome, escrevia sob inúmeros pseudônimos, entre outros: Anselmo Ribas, Caliban, Ariel, Amador Santelmo, Blanco Canabarro, Charles Rouget, Democ, N. Puck, Tartarin, Fur-Fur, Manés.

Cultivou praticamente todos os gêneros literários, deixou uma obra extensa e foi, por muitos anos, o escritor mais lido do Brasil. Apesar dos ataques que sofreu por parte de gerações mais recentes, sua presença na literatura brasileira ficou devidamente marcada. Em 1928, foi eleito Príncipe dos Prosadores Brasileiros, num concurso realizado pelo *O Malho*. João Neves da Fontoura, no discurso de posse, traçou-lhe o justo perfil:

"As duas grandes forças da obra de Coelho Neto residem na imaginação e no poder verbal. [...] Havia no seu cérebro, como nos teatros modernos, palcos móveis para as mutações da mágica. É o exemplo único de repentista da prosa. [...] Dotado de um dinamismo muito raro, Neto foi um idólatra da forma."

*Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014*

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014